

O QUE É SER PAI PARA VOCÊ?

Rafael MACHADO

Prefeitura Municipal de São José dos Campos

Resumo: Os padrões comportamentais associados ao masculino e ao feminino variam entre os diferentes momentos históricos. Essas diversas formas de conceber o que é socialmente atribuído às masculinidades e feminilidades subsidiam a compreensão das discussões atuais sobre a atribuição de papéis sociais aos sujeitos. Nesse contexto, este trabalho, recorte de uma pesquisa de doutorado em Letras, discute as construções discursivas associadas ao masculino na contemporaneidade. A partir do entendimento do conceito de gênero relacionado às diferenças psicológicas, sociais e culturais atribuídas ao masculino e ao feminino, isto é, gênero como construção social, discutem-se as ressignificações possíveis dos papéis atribuídos aos homens em relação à paternidade a partir da leitura de um discurso divulgado na internet, o artigo “O que é ser pai para você?”, publicado na coluna “Conversa de homem”, na versão digital da revista Pais & Filhos, em 20 de junho de 2021. O texto selecionado foi analisado à luz da teoria semiótica de linha francesa, fundada por Greimas. Por meio do percurso gerativo do sentido, em que são estabelecidas três etapas: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo, a análise busca explicar o que diz e como o texto faz para dizer o que significa a paternidade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Paternidade. Semiótica. Mídia.

WHAT IS BEING A FATHER FOR YOU?

Abstract: *The behavioral patterns associated with male and female vary between different historical moments. These different ways of conceiving what is socially attributed to masculinities and femininities support the understanding of current discussions about assigning social roles to subjects. In this context, this work, part of a doctoral research in Literature, discusses the discursive constructions associated with the masculine in contemporary times. Based on the understanding of gender related to the psychological, social and cultural differences attributed to men and women, that is, gender as a social construction, we discuss the possible resignifications of the roles attributed to men in relation to fatherhood from the reading of a speech published in the media: the article “What is it like to be a father for you?”, published in the column “Conversa de homem”, in the digital version of Pais & Filhos magazine, on June 20, 2021. The selected text was analyzed in the light of the French semiotic theory, founded by Greimas. Through the generative course of meaning, in which three steps are established: the fundamental level, the narrative level and the discursive level, the analysis seeks to explain what it says and how it goes about saying what fatherhood means in contemporary times.*

Keywords: *Paternalism. Semiotic. Media.*

¿QUÉ ES SER PADRE PARA TI?

Resumen: *Los patrones de comportamiento asociados a hombres y mujeres varían entre diferentes momentos históricos. Estas diferentes formas de concebir lo socialmente atribuido a las masculinidades y feminidades apoyan la comprensión de las discusiones actuales sobre la asignación de roles sociales a los sujetos. En ese contexto, este trabajo, parte de una*

investigación doctoral en Literatura, discute las construcciones discursivas asociadas a lo masculino en la contemporaneidad. A partir de la comprensión del género relacionado con las diferencias psicológicas, sociales y culturales atribuidas a hombres y mujeres, o sea, el género como construcción social, discutimos las posibles resignificaciones de los roles atribuidos a los hombres en relación con la paternidad a partir de la lectura de un discurso publicado en los medios de comunicación: el artículo “¿Qué es para ti ser padre?”, publicado en la columna “Conversa de homem”, en la versión digital de la revista Pais & Filhos, el 20 de junio de 2021. El texto seleccionado fue analizado a la luz de la teoría semiótica francesa, fundada por Greimas. A través del recorrido generativo del sentido, en el que se establecen tres pasos: el nivel fundamental, el nivel narrativo y el nivel discursivo, el análisis busca explicar qué dice y cómo se hace para decir lo que significa la paternidad en la contemporaneidad.

Palabras-clave: Paternidad. Semiótica. Médios de comunicacion.

1. INTRODUÇÃO

Remete ao século XIX o discurso naturalista, apoiado em descobertas da Medicina e da Biologia, de que haveria aptidões específicas que diferenciariam homens e mulheres. Nessa perspectiva, aos homens caberia o pensamento, representado pelo cérebro, ou seja, a inteligência, a razão, a capacidade de decisão; as mulheres, por outro lado, representadas pelo coração, estariam relacionadas à sensibilidade e aos sentimentos. Nessa divisão, cada um teria “sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado, até em seus detalhes” (PERROT, 1988, p. 178).

A partir dessas percepções, na sociedade, atribuiu-se ao feminino o espaço privado, familiar e materno. Consequentemente, a divisão de tarefas e a segregação dos espaços definiram que são femininas a maternidade e a casa; ao masculino, por outro lado, cabia o trabalho externo e o espaço público. Nessa linha, homens e mulheres vivenciaram e socializaram situações diferentes no decorrer dos tempos. Essa diferenciação entre masculino e feminino esteve (e está) presente na maioria das sociedades, se não em todas, assumida, assim, como relacionada às diferenças naturais entre os dois sexos (BIROLI, 2018).

Nas sociedades contemporâneas, entretanto, o debate sobre essas questões permitiu trazer o tema à tona e questionar os papéis de gênero (MIGUEL; BIROLI, 2014). A noção de gênero, enquanto categoria social, nasceu dessas discussões a fim de apontar que não há um modo inato de ser homem e mulher, isto é, que as noções tradicionalmente associadas à masculinidade e à feminilidade não estão automaticamente relacionadas aos corpos (BELELI, 2010). Assim, gênero diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade.

Com base nessas percepções, a discussão sobre ressignificações do que é feminino e masculino na sociedade brasileira tem alcançado grande visibilidade. Com as mulheres

buscando cada vez mais ocupar espaços antes predominantemente masculinos e chamar atenção para práticas sociais – inclusive discursivas – que historicamente associam o feminino a um papel inferiorizado em relação ao masculino, os papéis tradicionalmente masculinos também têm sido repensados e revistos.

Diante dos questionamentos e das conseqüentes modificações nos papéis tradicionalmente atribuídos aos gêneros masculino e feminino, este trabalho busca descrever e explicar o que diz o discurso sobre a(s) masculinidade(s) na contemporaneidade, mais especificamente, o discurso sobre a paternidade, e como esse discurso faz para dizer o que diz. Para isso, será apresentada a análise do artigo “O que é ser pai para você?”, publicado na coluna “Conversa de homem”, na versão digital da revista Pais & Filhos, em 20 de junho de 2021. O texto selecionado foi analisado à luz da teoria semiótica de linha francesa, fundada por Greimas. Por meio do percurso gerativo do sentido, em que são estabelecidas três etapas: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo, a análise buscará explicar o que diz e como o texto faz para construir o significado de paternidade na contemporaneidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para explicar os sentidos do texto, a semiótica discursiva/greimasiana faz a análise do plano do conteúdo, isto é, do que diz o texto, e do plano da expressão, ou seja, de como o texto diz o que diz. No plano do conteúdo, a semiótica desenvolveu um modelo de produção do sentido denominado *Percurso gerativo do sentido*. Tendo o texto como unidade de análise, a semiótica apresenta um modelo de produção de sentido que concilia, com o mesmo aparato teórico-metodológico, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto (BARROS, 2011).

O *Percurso gerativo do sentido* vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; se estabelece em três etapas, sendo a primeira, a mais abstrata, denominada nível fundamental ou das estruturas fundamentais, em que se revela a significação por meio de uma oposição semântica mínima; a segunda etapa, denominada nível narrativo ou das estruturas narrativas, em que se organiza a narrativa a partir de um sujeito; e a terceira etapa, do discurso ou das estruturas discursivas, a mais superficial, em que as formas abstratas são concretizadas (BARROS, 2011).

O percurso gerativo do sentido explica a organização de qualquer texto, sendo assim, é indispensável apresentá-lo:

O nível semiótico comporta três etapas julgadas necessárias para a clareza da explicação do percurso: a das estruturas fundamentais, instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso, a das estruturas narrativas, nível sintático-semântico intermediário, e a das estruturas discursivas, mais próximas da manifestação textual. São lugares diferentes de articulação do sentido, que pedem a construção, no interior da gramática semiótica, de três gramáticas – fundamental, narrativa e discursiva –, cada qual com dois componentes, ou seja, uma sintaxe e uma semântica (BARROS, 2001, p. 15).

Analisar o discurso à luz do percurso gerativo do sentido demanda a compreensão de que existem três níveis interdependentes que caminham da abstração para a concretude: o nível fundamental, o narrativo e o discursivo.

A análise do texto que será apresentada neste trabalho considerará cada nível separadamente, oferecendo uma visão geral da construção do sentido do texto, do nível mais superficial, das estruturas discursivas, passando pelo nível narrativo, até chegar às estruturas mínimas, o nível fundamental. Dessa forma, do mais superficial ao mais profundo, tornar-se-á mais simples a compreensão sobre a construção discursiva da paternidade. Como no nível discursivo as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude, optou-se por iniciar a análise pelo nível de maior concretude, deixando para o momento posterior os níveis mais abstratos. Para finalizar, serão apresentadas as categorias básicas da construção de um texto, do nível fundamental, que se apoiam numa diferença, numa oposição de base que sustenta o texto, a oposição semântica mínima.

3. O QUE É SER PAI PARA VOCÊ? ANÁLISE SEMIÓTICA

No nível discursivo, patamar mais superficial do percurso, revelam-se as escolhas de pessoa, tempo, espaço do sujeito da enunciação, isto é, as projeções da enunciação no enunciado, além dos recursos de persuasão e a cobertura figurativa. À sintaxe discursiva cabe explicar as relações entre enunciador e enunciatário, bem como entre sujeito da enunciação com o discurso (BARROS, 2011).

Como a enunciação designa o ato no qual uma pessoa enuncia a outra num dado espaço e num dado tempo, é no nível discursivo que se investigam as marcas da enunciação no enunciado, ou seja, a constituição de pessoas (actorialização), espaço (espacialização) e tempo (temporalização).

A enunciação é o ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação). Ao realizar-se, ela deixa marcas no discurso que constrói. Por exemplo, o enunciador

pode reproduzir ou não a enunciação no interior do enunciado. [...] Mesmo quando os elementos da enunciação não aparecem no enunciado, a enunciação existe, uma vez que nenhuma frase se enuncia sozinha. (FIORIN, 2018, p. 55).

A debreagem e a embreagem são os mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado (FIORIN, 2016, p. 37). A debreagem é a projeção para fora da enunciação da pessoa, do tempo e do espaço, isto é, no enunciado, o produto da enunciação. A embreagem, por outro lado, é o retorno à enunciação, isto é, a neutralização das pessoas, espaços e tempos projetados no enunciado. Cria-se o efeito, então, de que as pessoas, o espaço e o tempo projetados são os da enunciação, isto é, produzidos na e pela enunciação.

O primeiro nível da enunciação tem como actantes o enunciador e o enunciatário. Enunciador é o autor implícito da enunciação e o enunciatário é o leitor implícito da enunciação. O autor e o leitor implícitos pertencem ao texto, não à vida. A responsabilidade pelo discurso é do enunciador, no caso do texto “O que é ser pai para você?”, a autoridade no assunto sobre masculinidade, sobre paternidade. O enunciatário, ao mesmo tempo, é co-enunciador, pois o enunciador leva em conta que é ao enunciatário - também masculino, pois o título do texto já indica um interlocutor ‘você’ em “O que é ser pai para você?” - que se dirige o discurso. Essa autoridade sobre o assunto pode ser percebida por outros textos publicados na coluna “Conversa de homem”, como “Pai, quem recebe sua melhor versão?”, “Pai, você também precisa pesquisar e ler sobre temas infantis” e “O seu silêncio pode favorecer o machismo: não deixe de falar”, por exemplo.

No título e no subtítulo de “O que é ser pai para você?”, o enunciador instala um *eu* e um *tu* - “vamos conversar” -, no agora, com verbos no presente - “pensa”, “age” -, simulando o tempo da enunciação, no aqui - “senta aqui” -, lugar da conversa. Essa projeção da enunciação, com a instalação dos actantes (atores) da enunciação, do espaço e do tempo da enunciação no enunciado, é denominada debreagem enunciativa e cria o efeito de subjetividade. Com o efeito de subjetividade, aproximam-se enunciador e enunciatário, na medida em que o enunciatário pode se identificar com o perfil do enunciador, sentir que é possível exercer a paternidade plena do mesmo modo como o enunciador a exerce e é reconhecido na sociedade como modelo de pai.

Esses actantes da enunciação enunciada - *eu* e *tu* - instaurados pelo enunciador são denominados narrador e narratário. No primeiro parágrafo, na simulação da conversa entre narrador e narratário, o narrador instaura no texto um narratário que acharia absurdo ter brincado de casinha ou de comidinha na infância. Para enunciar isso, instala o narratário como

interlocutor, com o uso das aspas, sendo ele, o narrador, instalado como interlocutário. A estratégia funciona para esconder que, na verdade, é o que ele (narrador) pensa que o homem diria (é a visão que ele tem do homem), criando uma ilusão enunciativa de que é o homem (narratário) quem efetivamente diria aquilo.

Na continuação do texto, ao falar da infância do narratário, o narrador, apesar de masculino também, não se inclui - "(Você) brincava de..." -, diferenciando sua imagem da imagem do narratário. O tempo é pretérito imperfeito (durativo), relacionado à infância, anterior ao momento da enunciação, e o espaço é o lá, a casa, criando o efeito de distanciar aquele tempo (tempo do então) do tempo do agora e aquele espaço (lá, a casa da infância) do espaço daqui (a casa atual). Esses espaços e tempos distintos funcionam para que as estratégias propostas no texto tenham efeito de distanciamento entre um e outro, isto é, que o homem (narratário) possa reconhecer suas limitações (em razão do passado), mas que possa ser manipulado e tornar-se o pai modelo (no futuro), conforme intenciona o narrador.

Por outro lado, no segundo parágrafo, o narrador opta por se incluir - "nós, pais, crescemos..." - para indicar os efeitos da cultura - brincadeiras da infância - no comportamento masculino atual, apontando que o hoje (presente) é resultado do ontem (passado), como no trecho "Isso diz muito sobre o pai que você e eu somos hoje". Em sua tese, as brincadeiras na infância - associadas à masculinidade tradicional - condicionariam o homem (inclusive ele) a exercer a paternidade reproduzindo comportamentos aprendidos, ou seja, até o narrador - pai pleno - esteve sujeito à influência cultural tradicional. Ao mesmo tempo, ao aproximar-se da condição da masculinidade hegemônica, o narrador indica que há "salvação", há possibilidade de transformação, pois ele próprio foi transformado e agora está oferecendo essa possibilidade ao narratário.

No terceiro e no quarto parágrafos, o narrador retoma o *eu* de modo a diferenciar o que ele pensa do que pensam as demais pessoas ("todos"). Ele assume para si, na enunciação, a oposição entre o que ele pensa (a cultura é algo que molda os comportamentos) e o que a sociedade pensa ("mães nasceram com habilidade excepcional de cuidar de seus filhos"). Para confirmar essa oposição, faz uso do tempo presente "meninos estão brincando de guerra, meninas estão brincando de casinha", isto é, a sociedade ainda age dessa forma. Por outro lado, ele sabe que isso - a condição natural de masculinidade - não é verdade ("eu preciso discordar dessa visão") e, para provar seu ponto de vista, faz perguntas ao narratário, perguntas que respondem à tese dele, como "se você brincasse de trocar fraldas [...] não seria mais intuitivo para você a paternidade?".

No quinto parágrafo, o narrador - no tempo presente - passa a instruir o narratário sobre o que é ser pai. O uso do presente omnitemporal (gnômico) simula que momento de referência é ilimitado. Esse presente cria o efeito de verdade eterna (ou que se pretenda como tal), pois o narrador sabe o que é ser pai e está proporcionando ao narratário tal saber. Segundo o texto, ser pai é “entender que cuidar é um esforço diário”, “pensar se o bebê está com frio ou calor”, “(pensar) se está na hora de lancha”.

No sexto parágrafo, o narrador, mais uma vez, instaura o narratário como interlocutor, dando voz, entre aspas, ao que supostamente o narratário diria. Essa debreagem de segundo grau (supostamente dar voz ao outro) pode ser percebida em “Ah, mas eu já faço isso! Quando a mãe pede, faço na hora!”. Ao dar a palavra ao narratário (instalado como interlocutor), em discurso direto, há um efeito de verdade, como se aquilo fosse exatamente o que estaria pensando e diria, naquele momento, o narratário.

Ainda no nível discursivo, a semântica cuida do percurso temático e do revestimento figurativo. É a semântica discursiva que reveste e, por isso, concretiza as mudanças de estado do nível narrativo. As figuras parecem ser os pais (cultura) educando os filhos, a infância (brincadeiras) e a vida adulta (trabalho, responsabilidade) para tratar do tema da masculinidade, da paternidade, do que parece considerado (tradicionalmente) masculino na sociedade em oposição ao que se vê hoje, na cultura contemporânea, como novas masculinidades.

Por fim, verifica-se que há um contrato fiduciário entre o leitor da coluna e o colunista. O leitor deseja alcançar o status de pai que o colunista possui, pois há um contrato que estabelece que tal status pode ser obtido por quem assume determinados comportamentos. Assim, quem assumir tais comportamentos será considerado pai de modo pleno, ao passo que os demais, que não sabem do que diz o colunista, não serão considerados pais no sentido pleno.

No segundo nível, o das estruturas narrativas, ocorre um estado inicial, uma transformação e um estado final, ou seja, pela ação do sujeito os estados são transformados. No caso do texto “O que é ser pai para você?”, no espaço da troca de valores, há um sujeito de estado, homem, associado ao masculino hegemônico, disjunto de um objeto-valor, a(s) masculinidade(s) contemporânea(s), a completude (o cuidar), pois (não) “brincava de casinha”, (não) “fazia comidinha de mentirinha”. Esse sujeito de estado é modalizado por um querer (quer ser completo, quer ser considerado pai), por isso, procura a informação na coluna “Conversa de homem”, na revista Pais & Filhos. O percurso narrativo desse sujeito, isto é, o encadeamento sintático de programas narrativos irá, pois, levá-lo a entrar em conjunção com

esse objeto-valor: a(s) masculinidade(s) contemporânea(s), a completude, o cuidar, que o levará ao estado de completude, o exercício pleno da paternidade. Assim, a narrativa mínima é de aquisição, com um estado inicial disjunto sendo transformado em um estado final conjunto.

A sequência canônica da semiótica articula-se em quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Na fase da manipulação, um sujeito age sobre o outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. Em “O que é ser pai para você?”, o destinador (narrador) procura convencer o destinatário (homem) a querer cuidar, ou seja, a querer ser pai de modo pleno. O destinador faz uso de formas de manipulação para persuadir o sujeito (homem), despertando nele o querer-fazer para obter o valor (entrar em conjunção com a(s) masculinidade(s) contemporânea(s), cuidar, ser pai). A manipulação se dá, principalmente, por intimidação (ameaça implícita): se você não fizer determinadas coisas não será considerado pai, pois, segundo o texto “ser pai (e apenas pai, sem nenhum adjetivo descolado) é um esforço diário e ativo de aprendizado e cuidado” ou, em outro trecho, “Arregace as mangas, você é pai”.

O sintagma elementar da sintaxe narrativa (programa narrativo, PN) é representado por um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado. No caso do texto “O que é ser pai para você?”, o sujeito, homem, está em disjunção com o objeto-valor (a(s) masculinidade(s) contemporânea(s), a completude, o cuidar), pois não brincou de casinha, comidinha, chá, mas de matemática, ciências, esporte e guerra. O sujeito do fazer é o narrador, que transforma a relação do sujeito, homem, em relação de conjunção com a completude. Para isso, o narrador (destinador) manipula o sujeito, homem, atribuindo-lhe uma competência, isto é, um querer-fazer (“uma nova oportunidade de aprendermos, com urgência, a exercer plenamente a nossa paternidade”), um poder-fazer (“se você brincasse de trocar fraldas das suas bonecas quando criança, de fazer comidinhas e chás, será que não seria mais “intuitivo” para você a paternidade?”), um dever-fazer (“E se ela parar de pedir? E se ela nunca mais pedir? As fraldas ainda seriam trocadas? Pensar e decidir sobre todas essas questões é uma carga invisível enorme e, não é porque você não consegue enxergá-la que ela não existe e que não seja pesada”) e um saber-fazer (“ser pai é constantemente pensar se o bebê está com frio ou calor, se está na hora de lanchar, se a fralda precisa ser trocada, se as roupinhas estão ficando apertadas”). Essa manipulação se dá por aquisição do objeto-valor.

No primeiro programa narrativo (PN1), o homem - na infância - recebe da cultura - figurativizada pelos pais - o objeto-valor (brincadeiras que não envolvem o cuidar). A cultura

(figurativizada pelos pais) é o sujeito do fazer e a transformação é ensinar ao homem - na infância - que aquilo é brincadeira para ele, ou seja, brincadeiras que não envolvam o cuidar. Esse sujeito de estado, homem - na infância - está em disjunção com brincadeiras de casinha, comidinha, chá e em conjunção com brincadeiras que não envolvem o cuidar, isto é, com a cultura, a masculinidade tradicional.

Em um segundo programa narrativo (PN2), o homem - já adulto - perde o objeto-valor (cultura, masculinidade tradicional, brincadeiras que não envolvem o cuidar) da infância. O narrador (sujeito do fazer) toma o objeto-valor do homem ao transformar a relação do homem com o objeto-valor em relação de disjunção. Aqui se dá um programa de privação.

Em um terceiro programa narrativo (PN3), o homem recebe do destinador o objeto-valor (cultura, masculinidade(s) contemporânea(s), cuidar, chance de ser reconhecido como pai). O narrador (sujeito do fazer) cede o objeto-valor ao homem, transformando a relação com o cuidar em relação de conjunção. Se dá um programa de aquisição.

Os programas narrativos se organizam em percursos. No percurso do sujeito, o narratário (destinatário) cumpre os papéis actanciais de não saber-fazer (não aprendeu na infância), do saber (agora já sabe) e do querer-fazer (para ser reconhecido como pai). No percurso do destinador-manipulador, o actante determina os valores (o que é ser pai) e dota o sujeito desses valores (ensina o que fazer, como fazer e porque fazer).

O destinador (o narrador) exerce a função de qualificar o sujeito de estado (narratário) para realizar uma performance, no caso, entrar em conjunção com o objeto-valor (a masculinidade contemporânea, o cuidar, ser pai). Esse fazer persuasivo visa a adesão do destinatário, ou seja, fazer com que ele interprete os valores do destinador como verdadeiros. O destinador propõe ao destinatário, agora transformado em sujeito da ação, um contrato e espera que ele cumpra esse contrato. No caso do texto “O que é ser pai para você?” é aprender a cuidar e passar a fazê-lo. A manipulação se dá, principalmente, por intimidação: “ser pai é isso”, ou seja, quem não faz tal coisa não é reconhecido como pai. Caso o destinatário cumpra, será sancionado positivamente (será considerado pai). Caso não cumpra, não siga as “dicas” dadas pelo texto, não será considerado pai pleno, isto é, não exercerá plenamente a paternidade, segundo o julgamento do destinador-manipulador.

Por fim, no nível das estruturas fundamentais, no artigo “O que é ser pai para você?”, parte-se da oposição natureza *versus* cultura e da oposição incompletude *versus* completude. A primeira oposição, natureza e cultura, manifesta-se no texto em trechos como: “não é algo que já vem escrito em nossos DNAs”, “meninos e meninas são socializados de formas diferentes”, “no brincar que se aprende quando criança” e “as mães são aparentemente tão

boas em criar filhos porque elas são treinadas dessa forma”. Por meio dessa oposição inicial, discute-se o entendimento de que a natureza seria a responsável pelos comportamentos sociais dos sujeitos, revelando-se que, diferentemente do que se crê historicamente, a cultura é a responsável pelos comportamentos atribuídos ao masculino e ao feminino.

A segunda oposição, incompletude e completude, manifesta-se no texto em trechos como “A maioria de nós, pais, crescemos com outras brincadeiras”, “ Isso diz muito sobre o pai que você e eu somos hoje”, “criar um filho é muito mais do que isso, porque envolve o cuidar”, “é um esforço diário e ativo de aprendizado e cuidado” e “uma nova oportunidade de aprendermos, com urgência, a exercer plenamente a nossa paternidade”, sendo a incompletude a masculinidade hegemônica e a completude uma das possibilidades de masculinidade atual (contemporânea). Essa segunda oposição, em decorrência da primeira compreensão da cultura como responsável pelos comportamentos atribuídos ao masculino e ao feminino, diferencia uma cultura histórica e hegemônica (incompleta) de uma cultura contemporânea (completa).

As categorias fundamentais são determinadas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas), sendo, no primeiro percurso, a natureza compreendida como disfórica e a cultura como eufórica. Já no segundo percurso, a incompletude (cultura tradicional) é disfórica e a completude (cultura contemporânea) é eufórica. Assim, há um conteúdo mínimo fundamental: a negação da natureza (disfórica) e a afirmação da cultura (eufórica), revelando-se que os comportamentos atribuídos a meninas e meninos não são naturais, mas comportamentos aprendidos (ensinados) pela cultura. No segundo percurso, há uma negação da cultura tradicional (disfórica), pois incompleta, já que associa meninos a determinados brinquedos, brincadeiras e comportamentos, distanciando o masculino do cuidar, e a afirmação da cultura contemporânea (eufórica), que aproxima o masculino do cuidar (completude), essencial para o exercício da paternidade.

4. CONCLUSÃO

Assim, na coluna “Conversa de homem”, por meio da análise semiótica, foi possível compreender o que diz o texto “O que é ser pai para você?”, no plano do conteúdo, revelado pelo *Percurso gerativo de sentido*. Estruturado nas oposições de base entre natureza e cultura e incompletude e completude, verificou-se a manipulação do destinador para que o destinatário agisse e chegasse aos valores desejados pelo destinador, um modelo de

masculinidade reconhecido na contemporaneidade, representada por uma paternidade plena, voltada aos cuidados.

Interessante observar que as estratégias para que tal construção fosse possível passaram por marcas de aproximação e subjetividade, que levaram o destinatário a reconhecer-se como alguém disposto a querer exercer uma masculinidade diferente da hegemônica e, conseqüentemente, querer ser um pai mais participativo, condizente com os valores do mundo atual.

Por fim, cabe frisar que a semiótica é uma ciência em construção, logo, ao fazer análise semiótica assume-se o risco de, a qualquer momento, rever as próprias afirmações. Assim, não há respostas sobre todas as possíveis (re)significações do que é ser pai na atualidade. Há, sim, uma leitura do que é a paternidade, não por valores axiológicos do pesquisador, mas pela inscrição dos elementos no texto analisado.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas / FLLCH / USP, SP, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: José Luiz Fiorin (org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003, p.187-264.
- _____, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- BELELI, Iara. Gênero. In: MISKOLCI, Richard. (org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p. 45-73.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3. ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- _____, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. 15. ed., 4ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2018.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PERROT, Michelle **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- QUEIROZ, Thiago. O que é ser pai para você? **Revista Pais & Filhos**. São Paulo, julho/2021. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/blogs-e-colunistas/thiago-queiroz/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

ANEXO A



Conversa de Homem

POR THIAGO QUEIROZ

Pai de Dante, Gael, Maya e Cora, é educador parental, autor do livro "Abraça Seu Filho", criador do Paizinho, Vírgula e embaixador da Pais&Filhos

O que é ser pai para você?

O que você pensa e como age, enquanto pai? Senta aqui, vamos conversar

Querido pai, eu gostaria de iniciar nossa conversa com algumas perguntas: você tinha bonecas quando criança? Brincava de casinha, ou fazia comidinha de mentira para os seus chás da tarde? É bem provável que a sua resposta seja um sonoro “não”. Talvez até um “não” com um sorriso no canto da boca, como quem diria “que absurdo, é claro que não, por que eu brincaria disso?”.

A maioria de nós, pais, crescemos com outras brincadeiras, que normalmente desenvolviam habilidades nos campos da matemática, ciências, esportes e guerra. Isso diz muito sobre o pai que você e eu somos hoje, porque cuidar dos filhos não é algo que já vem escrito em nossos DNAs - a não ser as partes mais básicas do cuidado humano que podem ser instintivas. Porém, criar um filho é muito mais do que isso, porque envolve o cuidar.

Por mais que todos digam que as mães nasceram com a habilidade excepcional de cuidar de seus filhos, eu preciso discordar dessa visão porque meninos e meninas são socializados de formas diferentes. Portanto, enquanto meninos estão brincando de guerra, meninas estão brincando de casinha, e é justamente no brincar que se aprende quando criança, que mais se experimenta as diversas possibilidades da vida.

As mães são aparentemente tão boas em criar filhos porque elas são treinadas dessa forma desde os primeiros anos de vida. E por mais que isso possa soar romântico, também é uma prisão. Pense comigo: e se você brincasse de trocar fraldas das suas bonecas quando criança, de fazer comidinhas e chás, será que não seria mais “intuitivo” para você a paternidade?

Por isso, ser pai (e apenas pai, sem nenhum adjetivo descolado) é um esforço diário e ativo de aprendizado e cuidado. É entender que cuidar é, de fato, um trabalho. Trabalho trabalhoso, eu diria. Ser pai é constantemente pensar se o bebê está com frio ou calor, se está na hora de lanche, se a fralda precisa ser trocada, se as roupinhas estão ficando apertadas, e mais uma infinidade de percepções que requer apenas uma coisa: a presença.

“Ah, mas eu já faço isso! Quando a mãe pede, faço na hora!”. E se ela parar de pedir? E se ela nunca mais pedir? As fraldas ainda seriam trocadas? Pensar e decidir sobre todas essas questões é uma carga invisível enorme e, não é porque você não consegue enxergá-la que ela não existe e que não seja pesada.

Nós podemos não ter aprendido sobre as belezas do cuidar quando éramos crianças, mas a chegada de um filho nos presenteia com uma nova oportunidade de aprendermos, com urgência, a exercer plenamente a nossa paternidade. Arregace as mangas, você é pai.

Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/blogs-e-colunistas/thiago-queiroz/o-que-e-ser-pai-para-voce/>.

Rafael MACHADO

Professor de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Doutorando em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Bacharel e Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Recebido em: 18/julho/2023

Aceito em: 09/julho/2024